

## A POTÊNCIA DO LAZER COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA: O CASO DO KAZOKU DOJÔ

Recebido em: 21/08/2020

Aprovado em: 15/12/2020

Licença: 

*Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi<sup>1</sup>*

*Leandro Martins Chaves de Almeida<sup>2</sup>*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** A extensão universitária, junto com o ensino e a pesquisa, são pilares da universidade. O Projeto de Extensão em Lutas - Judô é uma das ações de extensão desenvolvidas na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais. Este estudo de campo teve como objetivo identificar e descrever a percepção dos praticantes de judô em relação ao Kazoku Dojô, nome atribuído ao espaço de treinamento. A análise foi descritiva a partir do referencial teórico da ocupação e do lazer. Os resultados mostraram que os participantes iniciaram as atividades no projeto com a expectativa de aprender uma nova luta, mas, ao longo de sua permanência, ressignificaram aquele espaço como local de acolhimento e pertença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de Lazer. Artes Marciais. Acolhimento.

### THE POWER OF LEISURE AS A TRANSFORMING PRACTICE: THE CASE OF KAZOKU DOJÔ

**ABSTRACT:** University extensions, such as instruction and research, are the base of Brazilian universities. The Fighting Project - Judo is one of the extensions developed in the Physical Education, Physical Therapy and Occupational Therapy School (EEFFTO) of Federal University of Minas Gerais (UFMG). This paper has as objective to identify and to describe the participants' perception about Kazoku Dojô, name given to the Project's mat. A descriptive analysis has been made, based on the theory of leisure and human occupation. Results showed that the participants started Judo practice with expectations of learning a martial art, however during their standing, noticed that Kazoku Dojô was a place of user embracement and self-belonging feeling.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Martial Arts. User Embracement.

<sup>1</sup> Terapeuta ocupacional, doutor em Estudos do Lazer, professor adjunto no Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG.

<sup>2</sup> Graduado em Educação Física pela UFMG e faixa marrom (1ºkyu) de Judô pela Federação Mineira de Judô (FMJ).

## **Introdução**

A extensão é um dos pilares da universidade, junto com o ensino e a pesquisa. É responsável por ampliar a relação da universidade com a comunidade (UFMG, 2018). Entendemos, aqui, que a relação da universidade com a comunidade pode ser compreendida a partir de duas perspectivas distintas: a comunidade externa à instituição, e a comunidade interna desta. Neste sentido, a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de acordo com o Centro de Extensão (CENEX EEFFTO), possui registrada em seu sítio eletrônico 22 atividades de extensão, abertas para diferente públicos, além de projeto de atividades físicas, dentre elas o Judô, cenário no qual este estudo foi desenvolvido.

Tomaremos a liberdade de utilizar a primeira pessoa na construção deste artigo, considerando dois elementos centrais: o primeiro, e o mais importante, relaciona-se à própria história do *Kazoku Dojô*, do qual fomos os primeiros participantes e, até o presente momento, ativos e frequentes e; segundo, pelos afetos que criamos tanto com o espaço quanto com os participantes que, de judocas, passaram a amigos.

No intuito de situar o (a) leitor (a), o período de referência deste estudo está entre abril de 2017 e dezembro de 2019, durante a permanência do *sensei* Leandro Martins, que deixou de participar do projeto neste papel devido à sua formatura no curso de Educação Física, embora tenha continuado no projeto como membro da comunidade externa à UFMG. Destacamos este período, pois foi justamente em algum momento deste projeto que passamos a perceber que a participação nas atividades parecia ir muito além da prática do judô: em certo momento, nos pareceu que os participantes passaram a incluir aquele espaço como necessário ao seu cotidiano.

Essa percepção se deu a partir da observação de que, gradativamente, os diálogos dos participantes deixaram de ser conversas superficiais para questões que envolviam, de certa forma, alguma intimidade. As brincadeiras do grupo foram se tornando algo cada vez mais habitual, com mais ‘liberdades’, o que nos permitia inferir que aquele agrupamento de pessoas estava, paulatinamente, se tornando um grupo: tínhamos objetivos comuns, desejávamos o mesmo objeto (o judô). Mas para, além disso, percebemos que o grupo passou a ter mais intimidade e, com isso, o sentimento de pertença naquele grupo também foi cada vez mais um fator presente.

Cabe destacar que nem só de alegrias aquele grupo permanecia. Certamente, conflitos, desentendimentos, parcerias, tudo fazia parte do cotidiano de treinamento (que, embora ainda não tivéssemos percebido, era muito mais que um treinamento ou uma aprendizagem de luta). As relações no *Dojô* (espaço onde se treinam artes marciais. Embora o significado original seja em relação à aprendizagem de vida, no sentido de seguir uma vida honrada, trataremos aqui como espaço de treinamento), antes restritas a este espaço, foram ampliadas para lugares externos à própria universidade. Amizades foram sendo criadas, segredos passaram a ser confidenciais, conflitos pessoais passaram a ser divididos.

Outra característica que passou a nos chamar a atenção era a quantidade de pessoas que apresentavam alguma dificuldade, física, cognitiva (déficit de atenção e problemas visuais, por exemplo) e transtornos mentais (situações de depressão eram perceptíveis e relatadas com frequência). Este ponto é particularmente importante, pois essas dificuldades apareciam em diferentes momentos do processo de aprendizagem do judô e, constantemente, eram acolhidas pelo grupo. Ao expressar suas dificuldades, cada integrante movimentava-se no sentido de contribuir para que um processo inclusivo fosse estabelecido, o que gerava um sentimento de confiança mútua. Vale

ressaltar que ninguém tinha como prática habitual ‘deixar ganhar’ ou ‘aliviar’ durante os treinos. O acolhimento seguia sempre no sentido de respeitar a dificuldade do outro e, na medida do possível, adaptar as atividades, construir diferentes formas de explicação, flexibilizar o tempo necessário para a realização de determinado exercício. Era, portanto, um exercício ético, estético e político.

Este processo de acolhimento, para um entendimento ampliado, não diz respeito apenas ao escutar. O Ministério da Saúde brasileiro define acolhimento como uma ação de inclusão, na qual um ator se dispõe a estar junto de outro. Assim, possui uma dimensão ética, pois reconhece no outro a individualidade e subjetividade, dificuldades, diferenças, alegrias e tristezas; uma dimensão estética, na medida em que contribui na construção de estratégias de dignificação da vida e, assim, da própria humanidade e; política, pois há o compromisso de envolver-se com o outro, construindo protagonismos individuais e coletivos durante os encontros (BRASIL, 2010).

Assim, ao estabelecer o *Dojô* como um espaço de acolhimento, percebíamos que o grupo passou a ressignificar aquele espaço: de um local de treinamento e aprendizagem de judô, tornou-se também um local de encontros, um *setting* de confiança e da certeza que a individualidade de cada um seria respeitada. Essa percepção se deu a partir do momento em que os participantes do projeto passaram a combinar encontros antes do horário das atividades, apenas para conversar (assuntos sérios ou não) e confraternizar. O próprio *sensei*, quando tinha a possibilidade, comparecia nestes momentos e prezava por conversar sobre os mais diferentes temas que surgiam. Ainda, era possível observar que duplas e trios se formavam e aproveitavam mutuamente as companhias de seus pares em celebrações que extrapolavam o *Dojô* em festas, bares, restaurante universitário, nos corredores da universidade ou até mesmo frequentando as casas.

Neste cenário, em meados do segundo período letivo de 2017 o grupo, já estabelecido como tal, sentiu a necessidade de ter um nome que nos representasse. Maximino (2001) define grupo como não somente um aglomerado de pessoas, mas sim um determinado conjunto e, portanto, um recorte, que dá características àquele aglomerado, a partir de um conjunto implícito ou explícito de regras, rituais, afetos, hábitos, linguagem. Estas características, para a autora, permitem ao grupo reconhecer-se como tal e, ainda, planejar como tal. Desta forma, conversamos, em pares e no grupo, e chegamos ao entendimento que nos víamos como uma família, justamente pelos momentos de acolhimento e conflitos, pelo formato da convivência e pelos papéis desempenhados. Então, após breve debate, foi sugerido o nome *Kazoku*, tradução de família no idioma japonês.

Considerando, então, as percepções apresentadas até o momento, abaixo apresentamos elementos teóricos que contribuiriam para a análise dos dados. Este referencial, no sentido de adiantar informações, está pautado não em um conceito específico de lazer. Pretendemos, neste sentido, apontar o lazer não como um conceito, mas como um fenômeno, central na existência cotidiana dos sujeitos, estruturador da rotina, das decisões, da construção histórica do sujeito. Sendo assim, buscaremos elementos para estabelecer este início de debate no núcleo de conhecimento da Terapia Ocupacional, profissão que se debruça a compreender a vida ocupacional de indivíduos e coletividades. Certamente, não esgotaremos este tema ao longo deste artigo, logo que não é o objetivo do texto. No entanto, esperamos contribuir no sentido de ampliar o leque de discussões, tanto no âmbito teórico quanto nas possibilidades práticas do campo do lazer.

## **O Fenômeno do Lazer**

Lazer é ocupação e, como tal, possui um conjunto de condições para que assim seja assim considerado: inicialmente, há que se considerar que a ocupação é uma forma de ação. No entanto, essa ação não é simplesmente executada. Não é algo que se ‘faz por fazer’. É complexa, composta de diferentes facetas (sociais, históricas, culturais, individuais, coletivas), influenciada por fatores intrínsecos e extrínsecos ao sujeito executante.

Tomasi (2018), a partir da perspectiva de práxis apontada por Vázquez (1977), aponta que o lazer, como ocupação, é atividade essencialmente humana. Isso porque o lazer é teleológico, ou seja, possui finalidade, determinada por um conjunto de percepções relacionadas diretamente ao indivíduo (sua cultura, sua contemporaneidade, classe social, capacidades e dificuldades, por exemplo).

A ocupação é, então, vivenciada. Considera-se, desta forma, que é ação teleológica, planejada e executada a partir de desejos, de sentidos e significados atribuídos e que produz, necessariamente, senso de competência e produtividade. Ainda, a ocupação (e por consequência o lazer), é elemento central parte de um processo sócio histórico, que compreende tanto o sujeito que a vivencia quanto as coletividades e espaços nos quais estes atores estão inseridos, construindo e sendo construída por estes mesmos sujeitos (KIELHOFNER, 2006; HAGEDORN, 2007).

Por este conjunto de prerrogativas é possível afirmar, também, que o lazer, além de ocupação, é um fenômeno. Lazer, a nosso ver, acontece. E ao acontecer, não pode ser reduzido a uma definição, atrelada a algum elemento exclusivo como o tempo do lazer, o ambiente no qual a ação acontece, ou mesmo uma atividade específica, por exemplo. Nesta toada, é possível considerar que o lazer pode acontecer a qualquer tempo, em

qualquer lugar e, sendo atrelado a um conjunto de determinantes de percepção individual e coletiva, pode se manifestar em qualquer atividade.

Partindo das premissas da ocupação, ainda, inferimos que o lazer contribui de diferentes formas nas construções cotidianas dos sujeitos, sejam no âmbito prático (como a organização ou reorganização da rotina) ou em um contexto mais teórico (como, por exemplo, para repensar opiniões e posicionamentos frente à própria existência e à existência do outro). Ora, nesta linha de pensamento o lazer é elemento potente para a construção de um processo de ser e estar no mundo, alinhando relações dos sujeitos com si mesmos e com outros. Pode ser na mesma medida, produtor de senso de competência por proporcionar percepções de que somos (in) capazes; de provocar o sentimento de pertença ou exclusão, quando vivenciado em coletividades; para o alívio de preocupações e aumento da felicidade, quando o lúdico está presente.

Estas vivências e possibilidades, por sua vez, estão inseridas em um contexto importante e central na vida dos sujeitos: o cotidiano. Quando tratamos do cotidiano aqui, não nos referimos somente ao conjunto de tarefas e atividades ao longo do dia. O cotidiano é também este conjunto, mas vivenciado em diferentes cenários que compõem a história de cada um. Portanto, cotidiano não pode ser tratado fora do nexos cultural, social e histórico de cada sujeito. Seria leviano, portanto, não considerar a individualidade, mesmo no coletivo, que constrói o sentido das práticas de lazer.

Então, se o lazer é identificado a partir de significações objetivas e subjetivas, num âmbito individual e/ou coletivo, vinculado necessariamente a uma vivência com sentido atribuído pelos sujeitos e coletividades, construído culturalmente na e pela vida cotidiana (prática ou não), atrelado à sociedade na qual o sujeito está inserido, é possível considerar que absolutamente qualquer atividade que se encaixe na perspectiva até aqui apresentada, seja um lazer. É, então, a partir deste conjunto inicial de informações que

desenvolvemos este estudo, que teve como objetivo identificar e descrever a percepção dos praticantes de judô no Projeto de Extensão - Judô da EEEFTO em relação ao *Kazoku Dojô*.

## **Metodologia**

Este é um estudo qualitativo. Este tipo de estudo, como norteador da pesquisa em ciências sociais, preocupa-se com a subjetividade nas relações e representações humanas, a partir das representações individuais e/ou coletivas. Pode ser utilizado para desvendar processos sociais, a partir da perspectiva das coletividades (MINAYO, 2010). Para sua operacionalização, em relação ao método de coleta de dados pode ser classificado como pesquisa de campo e, em relação aos objetivos, como exploratório e descritivo.

O estudo de campo é empregado quando o pesquisador deseja atingir maior profundidade em relação ao objeto de investigação. Neste tipo de estudo, normalmente é destacada uma comunidade ou grupo específico. Para tanto, o pesquisador pode utilizar como ferramentas de coleta de dados tanto a observação do grupo estudado quanto a entrevistas com os sujeitos da pesquisa. Por este motivo, a realização de estudos de campo requer a presença direta do pesquisador no campo de pesquisa, ampliando a fidedignidade dos dados colhidos (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Gil (2007, p.42) afirma que a pesquisa exploratória tem como objetivo ampliar a familiaridade com o tema estudado, ou a elaboração de hipóteses. Nas pesquisas exploratórias, “o objetivo principal está relacionado ao aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Na pesquisa exploratória podem estar envolvidos: levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos para ampliação do entendimento sobre o assunto.

A pesquisa descritiva, por sua vez, tem como pressuposto básico a descrição de fenômenos e o estabelecimento de relação entre variáveis e o estabelecimento de relações entre as variáveis observadas no processo. Neste sentido, os achados de pesquisa podem indicar novas perspectivas para a realidade estudada (GIL, 2007).

Após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (parecer nº 3.412.424) foi iniciada a coleta de dados por meio entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas na íntegra para garantir a preservação das informações, e os textos armazenados em documentos eletrônicos. As entrevistas foram realizadas com seis participantes matriculados no Projeto no período do estudo, durante o período citado no início do texto. Para manter a confidencialidade dos dados, cada participante recebeu um código: a letra 'J', seguida de um número que seguiu a sequência das entrevistas (J1, J2... J6). As entrevistas foram suspensas quando se observou a saturação dos dados.

Na sequência, foi realizada leitura exaustiva dos dados coletados, visando identificar categorias empíricas, que chamaremos aqui de unidades de sentido, já que o referencial teórico para análise foi selecionado *a posteriori*. De acordo com Minayo (2010), estas categorias facilitam a compreensão de relações específicas do contexto de pesquisa, a partir da perspectiva do pesquisador. Em suma, as categorias empíricas permitem ao pesquisador conhecer a realidade investigada.

Assim, os dados foram categorizados nas seguintes unidades de sentido, que retratam a cronologia do processo de construção de significados dos participantes em relação ao *Dojô: entradas e expectativas*, que abrange as percepções sobre o início das atividades no Projeto; percepções *sobre o Dojô*, que retrata a percepção dos participantes em relação ao judô desenvolvido no Projeto e; sentidos *atribuídos ao Kazoku*, que trata da relação de cada um dos sujeitos com o grupo de

participantes. Para facilitar a análise, trechos de fala que ilustram representações das unidades de sentido foram selecionados e, sistematicamente alocados em planilha eletrônica. A análise dos dados foi descritiva e as relações teóricas, conforme indicado, realizadas a partir das pautadas nos núcleos de conhecimento do lazer e da terapia ocupacional, ambas as áreas de formação dos pesquisadores. Abaixo, apresentamos os achados da pesquisa.

### **Resultados e Discussão**

Nesta seção do texto, apresentaremos os resultados encontrados com a aplicação das entrevistas. A organização das informações segue a mesma ordem das categorias de sentido apresentadas no tópico anterior.

### **Entrada e Expectativas**

Conforme apresentado anteriormente, esta categoria trata especificamente sobre o momento em que os participantes passaram a frequentar as aulas de judô do projeto, bem como as expectativas que tinham em relação a essas aulas. A extensão universitária é elemento central para a formação do estudante, logo que está intimamente associada ao ensino e à pesquisa. Sendo assim, ao promover a extensão, a universidade também promove trocas de saberes e práticas, que agregam e contribuem na construção do conhecimento (UFMG, 2020).

Neste sentido, é possível inferir que uma ação de extensão (seja ela um projeto, programa ou curso), deve ser acessível em relação à infraestrutura, conhecimento ofertado, aspectos financeiros, facilidade de acesso do público interno e externo. Na medida, ainda, que a ação de extensão se desenvolve, deve envolver os participantes no sentido de tornar a vivência desta ação como parte integrante da rotina, logo que visa

fomentar o estímulo ao conhecimento e desenvolvimento, seja ele pessoal científico ou profissional.

Abaixo apresentamos trechos das entrevistas que ilustram as afirmativas apresentadas.

J1: Eu acho que comodidade, prática talvez. Por que eu tava..., era estudante na UFMG, então era perto, e mais barato geralmente do que em escolas longes. Aí eu, por conveniência, resolvi fazer aqui.

J5: Eu vim pra cá, estudar em Minas Gerais, e eu queria treinar Karatê, só que eu não achei um lugar pra treinar. Aí eu conheci o judô na Atlética e depois conheci aqui na Escola de Educação Física [...] um amigo que indicou. Ele conhecia o projeto e indicou. [...] e como eu moro aqui perto.

Assim, sobre o processo de entrada no projeto, é possível perceber que os entrevistados reconheceram este processo a partir de três pontos específicos: 1) a facilidade de acesso à prática do judô; 2) a curiosidade para saber mais sobre o esporte e; 3) para a retomada do judô. A partir destas percepções é possível inferir, então, que ao menos inicialmente o projeto atende ao que é preconizado para a extensão universitária.

Ao proporcionar uma ação que facilite o acesso tanto em termos de localização, já que as atividades são ofertadas na EEEFTO no *campus* Pampulha, que embora não fique em uma zona central de Belo Horizonte possui vasto acesso via transporte público, quanto em termos financeiros, se comparado a academias e *Dojôs* do município que custam este valor com atividades duas vezes por semana, torna-se uma atividade com potencial inclusivo para a comunidade interna e externa à universidade.

Ao privilegiar que o *sensei* seja um estudante da UFMG, política do projeto de extensão, é possível perceber que há aumento nos laços afetivos do grupo de judocas, considerando que em maioria os participantes são também discentes da instituição. Neste sentido, inferimos inicialmente que a comunicação é mais facilitada, a linguagem

do grupo, valores, cultura, são elementos que podem facilitar a aproximação entre o professor e os alunos.

Nesta perspectiva, não afirmamos que ser um docente ou técnico administrativo diminua o processo inclusivo no grupo. Como experiência pessoal de um dos autores deste texto, docente na UFMG, é possível afirmar com conhecimento de causa que não houve sentimento algum de exclusão e nem sequer tratamento diferente (no que concerne, por exemplo, a aspectos de convivência) por esta razão. Ao contrário, percebemos que a relação docente-discente foi desmistificada no que se refere às hierarquias construídas ao longo da relação institucional, havendo a possibilidade inclusive de trocas de saberes de forma mais aberta e respeitosa, justamente pela criação de vínculos que superaram a própria relação institucional.

Foi possível perceber, na mesma medida, que os participantes discentes do projeto passaram a buscar constantemente informações e orientações sobre questões relativas à instituição, à relação com os professores do curso e até mesmo referências externas (como indicação de profissionais para questões pessoais). Da mesma forma, os diálogos relativos a questões pessoais também passaram a ser mais frequentes, havendo a possibilidade de construção destes momentos nos corredores da EEEFTO.

Este conjunto, então, contribui para elucidar de forma clara que a extensão universitária vai muito além do retorno que a universidade presta à população ou da apresentação do conhecimento prático desenvolvido na instituição. A extensão é também uma possibilidade de construção de espaços que ressignifiquem a própria instituição e suas relações, por vezes tão adoecedoras e engessadas.

A partir destes elementos apresentados, inferimos então que alguma mudança na significação do espaço já ocorria naquele cenário. A partir do momento em que paradigmas começaram a ser substituídos (como a relação hierárquica professor-aluno,

por exemplo), possivelmente o próprio espaço passara a ser ressignificado e foi, gradativamente, deixando de ser exclusivamente para a prática esportiva transformando-se, em contrapartida, em um cenário de convivência.

Em relação às expectativas sobre a prática de judô, os entrevistados apontaram com unanimidade que gostariam de aprender mais sobre a prática. Neste sentido, a proposta de Extensão em Judô vai ao encontro das expectativas dos participantes, na medida em que não tem a pretensão de formar atletas de alto rendimento. Ao contrário, o Projeto intenciona apresentar os fundamentos do judô, englobando aspectos relacionados às técnicas (golpes) e aos ensinamentos difundidos amplamente pelo seu criador.

J2: Conhecer mesmo. Aprender. Também ela (a amiga) falava que era muito bom aqui... vim ver como é que é. [...] agora eu estou já sabendo aplicar os golpes... lógico que ainda tenho muito que aprender né... mas eu acho que eu também estou entendendo o que o judô passa da luta em si né?. Porque a luta, eu tenho pouco tempo de judô e ainda tenho muito que aprender, mas, eu acho que a filosofia dele tem me ajudado demais.

J3: Eu queria continuar praticando. Eu esperava, eu achava que seria da mesma forma, como era lá (referindo-se à prática em outro Dojô). Porém, com um sensei diferente. Eu achei que não ia mudar tanta coisa. Achei que a pegada não seria diferente. Aí cheguei aqui e vi era totalmente outra coisa.

Vale destacar que, embora a expectativa de participação no Projeto estivesse relacionada a aprendizagem das técnicas e à prática esportiva em si, os entrevistados perceberam também que havia algo diferenciado no processo, como ilustram as falas acima.

Correndo o risco de adiantar informações, neste ponto já é possível perceber que o *Kazoku Dojô* se compunha como um espaço diferenciado para a prática do judô, não necessariamente relacionado ao ensino da luta, embora a junção da experiência do *sensei* na prática e sua formação em educação física seja fundamental para o processo de aprendizagem. No entanto, ao considerar as diferenças presentes no grupo, ao fomentar a construção da coesão grupal e do senso de pertença, ao criar um espaço

acolhedor, no qual os indivíduos se sentiam confortáveis para viver uma parte do seu cotidiano de lazer e ao estimular que a vivência do judô fosse para além do tatame, este mesmo espaço também passou a ter outras significações atribuídas.

É impossível afirmar categoricamente que esta significação era certa quando as atividades no Projeto iniciaram. No entanto, fato é que ela passou a ser cada vez mais perceptível no dia-a-dia de treinamentos e encontros. Apresentamos, abaixo, as percepções em relação ao *Dojô*, expressas pelos entrevistados.

### **Percepções sobre o Dojô**

Inicialmente, é possível destacar nas respostas que os sujeitos percebiam o *Dojô* como um local que proporcionava algo para além da prática do judô: viam um espaço no qual era possível refletir sobre seu próprio cotidiano, no qual podiam superar cenários que percebiam como incômodos ou como desconfortáveis.

J2: Eu tenho aula de 8h até as 18h, e depois ainda tem liga, monitoria, então eu passo o dia todo na faculdade. O momento que eu posso deixar um pouco essa... a sala de aula, é quando eu estou aqui. Então eu acho que faz uma diferença muito grande esse tempo que eu dedico pra cá. [...]. Esfria a cabeça. Às vezes eu estou desanimada aí eu chego aqui e volto até mais animada para a aula.

J1: Eu entrei no judô numa época complicada. Eu estava na metade do meu doutorado, tensão, trabalho, estresse, ahhh... foi muito bom pra mim isso, por que era um momento não de... no sentido fisiológico de gastar energia, mas no sentido mental, de sentar aqui e refletir sobre o que está fazendo, treinar e fazer disso uma prática que, no final do dia, muitos dias, era a melhor coisa que tinha acontecido comigo no dia. Foi vir treinar judô. E sair daqui achando que eu aprendi um pouco mais, que eu melhorei um pouquinho mais do que eu era antes. Então, esse momento de me aperfeiçoar me ajudou muito durante esses anos que eu venho treinando. E... me ajudou em momentos difíceis. Por vários motivos diferentes, mas, me ajudou de vários jeitos diferentes... vir aqui treinar me trouxe o sentimento de como que uma família. Como um Kazoku.

Tomasi (2018), em estudo realizado junto a cervejeiros de Belo Horizonte e região metropolitana, constatou que a vivência do lazer para aquela população era tida como necessária no sentido da ressignificação das práticas cotidianas. No estudo, os cervejeiros apontaram que uma das principais percepções em relação à produção de

cerveja era a possibilidade de reinventar-se durante a execução da atividade, o que a tornava prática central no seu dia-a-dia, tanto no que diz respeito à produção de cerveja em si quanto em relação ao contexto que a cerca.

O *Dojô*, neste sentido, proporcionou aos judocas um contexto favorável para a ressignificação da prática esportiva, ou seja, mesmo que inicialmente tenha sido considerado um espaço de prática esportiva, gradativamente foi sendo transformado em um espaço de lazer libertador, no qual os sujeitos podiam superar o estranhamento e, conseqüentemente, a alienação em relação ao seu cotidiano. Neste sentido, os achados deste estudo corroboram com os apontamentos de que o lazer pode proporcionar uma conjuntura reinventiva no cotidiano, o que aumenta sua potência como elemento transformador de realidade, tanto da própria quanto de outros.

Assim, partindo desta perspectiva, afirmamos com tranquilidade que aquele espaço, da forma como se construiu, era um espaço de lazer, o que pode ser corroborado pelo trecho de entrevista abaixo:

J5: O projeto é muita coisa pra mim. Pra mim é muito importante... você está numa rotina de vida acadêmica e você ter momentos como os do projeto, que ele proporciona, que é ensinar o judô sem focar em na competição, é mais pela prática esportiva em si... pela... o momento de lazer é um momento de descontração, de fuga da pressão que é importante pra própria pessoa. Para mim, no caso, essa fuga foi (se deu) pelo judô. O projeto aqui, que proporcionou isso

Frente ao exposto, é possível considerar que o *Kazoku Dojô* foi gradualmente se transformado em um espaço no qual os sujeitos conseguiam ressignificar a sua existência cotidiana a partir de uma prática de lazer, a partir dos seguintes elementos: 1) atribuição de sentido histórico à prática do judô e àquele ambiente, não necessariamente a uma história já vivida, mas a uma história que vinha se construindo; 2) que o lazer tinha caráter teleológico, seja para a aprendizagem do judô ou como uma forma de ressignificar o próprio cotidiano; 3) a práxis, ou o fazer humano, foi elemento presente

no *Kazoku* pois permitiu aos sujeitos a construção de uma prática de lazer apropriada, consciente e crítica.

Nesta toada, retomando o conceito de ocupação anteriormente apresentado, é possível afirmar com alguma tranquilidade que a vivência de uma ocupação de lazer esteve presente naqueles tatames e, como ocupação, contribuiu na estruturação da rotina daqueles sujeitos, proporcionando sentidos e significados únicos a este espaço. Apresentamos, na sequência, estes sentidos conforme relatados pelos entrevistados.

### **Sentidos Atribuídos ao Kazoku**

Dentre as terminologias utilizadas pelos entrevistados, destacamos família, comunidade e amizade. Todos os participantes do estudo, em algum momento indicaram, por diferentes razões, que sentem que o *Kazoku Dojô* tem uma representação de aproximação de relações, um sentimento de pertença. Esta percepção fica clara na fala de J6:

J6: Ahhh.... É uma extensão da família também, né. A gente passa a conviver, né. É como... o sentimento, a gente que é do interior, é mais ou menos como se fosse a turma da rua, entendeu? Aquela coisa... aquela coisa boa... de estar convivendo diariamente e tal...[...]. É a turma da rua.

Este excerto ilustra claramente a atribuição de sentido que foi sendo construída ao longo do tempo pelo grupo de participantes. Ainda, ao atribuir o status de ‘Turma da Rua’ para os colegas de *dojô*, fica claro que as relações naquele espaço, tanto com os demais participantes quanto com o *sensei*, iam muito além do que era, talvez, esperado quando as aulas de judô começaram.

Conforme citado anteriormente, um dos atributos do grupo é a coesão que se tem entre os sujeitos que o compõem, a construção de uma determinada cultura que permeia o conjunto e, desta forma, pode proporcionar uma experiência singular na vivência do lazer. Ao considerar, então, que a ‘Turma da Rua’ estava ali, é possível afirmar que

havia, da mesma forma, um conjunto de atributos que permitiam àqueles sujeitos a vivência da sua práxis, já que não sentiam a necessidade, por exemplo, de encaixar-se em um contexto estranho a eles mesmos, ou até mesmo de superar estes contextos, como pode ser evidenciado na fala abaixo.

J4: [...] em outros espaços a técnica é muito priorizada e outras coisas são deixadas de lado. Por exemplo: o bem-estar naquele espaço. E aqui eu sinto que não, aqui a gente tem uma relação muito mais próxima e não tem uma cobrança no quesito de rendimento em relação a competições, etc. Isso me faz... gera um bem-estar... um sentimento muito melhor, em relação a outros lugares. [...] de certa forma, é uma fuga do espaço que a gente está vivendo aqui dentro da universidade. Na universidade, assim como nos outros espaços de treinamento de lutas, a gente tem uma cobrança muito forte por resultados [...] a universidade segue o mesmo aspecto que eu não tenho uma cobrança em relação a mim mesmo, eu tenho uma cobrança em relação ao padrão. Claro que isso tem seu lugar na sociedade e eu sinto que, de certa forma, pode ser um mal necessário. Mas... acaba que isso também pesa sobre o psicológico, sobre a saúde mental e sinto que ter esse momento de 'quebra' com esse segmento, com essa pressão, é muito essencial para gente. E aqui, com alguns fatores como a convivência com os colegas, prática de exercício físico regular, um ambiente que a gente se sente bem com isso, né... faz uma diferença muito grande. O Dojô aqui foi o primeiro momento de aprendizagem para o trabalho que acabou se tornando uma fuga desse momento de pressão, e hoje já é um lugar para socializar, já é um lugar onde eu aprendo mais sobre mim mesmo, consigo vencer as dificuldades que eu tenho, consigo evoluir essa questão filosófica também. Hoje aqui é um lugar onde eu aprendo muito sobre mim mesmo, sobre os outros também... a convivência... O fato de ser uma convivência, como posso falar, um ambiente descontraído, né? Porque em muitos outros lugares a gente tem a convivência, simplesmente por educação a gente dá um bom dia e tudo mais e começa a treinar. Não tem aquela... aquele momento de quebra da seriedade, não tem aquele momento de relação mais aberto. As pessoas com possibilidade de conversar, brincar às vezes. E esse ambiente descontraído, poder ter essa relação conhecer melhor as pessoas, saber um pouco mais da vida dos outros, ter essa relação mais desenvolvida, faz uma diferença grande no bem-estar aqui dentro do Dojô. Bem-estar.

Outra reflexão possível, a partir do trecho de fala apresentado, refere-se à construção do lazer como elemento cultural, conforme apresentado por Gomes (2004). Em pesquisa com mulheres que fazem uso recreativo de maconha, Sousa (2020) discute a necessidade de se estabelecer diálogos mais aprofundados com outros formatos de lazeres, que superem a ideia de que esta atividade é simplesmente uma substituição ao tempo das obrigações ou do trabalho. Ao aplicar esta ideia ao caso do esporte, por exemplo, há que se superar a associação da ideia de vida saudável a partir da prática esportiva pura e simples, como se esta relação fosse direta ou benéfica por ela mesma.

Neste sentido, o próprio conceito de saúde, se considerado a partir da ideia de bem-estar ou, ainda, da ausência de doenças, deve ser superado para um conceito dinâmico, conforme proposto por Canguilhem no início do século XX. Neste caso, saúde seria o movimento de superação de adversidades na vida (CAPONI, 1997).

Ora, este entendimento aplicado ao campo do lazer pode propor novos apontamentos para a construção de práticas que incluam o pensamento de estabelecer novos parâmetros para o próprio campo, ampliando a sua ação para além das práticas de lazer em si, na medida em que permitiriam construir espaços nos quais os sujeitos desenvolvam ferramentas que os ajudem a viver seu cotidiano de forma mais prático, criativa, teleológica, em qualquer área da vida.

### **Considerações Finais**

O papel da extensão é aproximar a universidade da comunidade interna e externa à Instituição. Dentre os inúmeros projetos existentes na UFMG, o Judô na EEFFTO se destaca pelo ambiente acolhedor que proporciona aos participantes.

O Projeto de Extensão em Lutas - Judô da EEFFTO, não tinha o objetivo de formar atletas de alto rendimento, mas sim abordar aspectos teóricos, filosóficos e práticos do esporte. Desta forma, as atividades tinham um direcionamento para a aprendizagem dos princípios fundamentais do judô, para além da maximização das técnicas de luta: princípios de respeito, companheirismo, dedicação ao judô e sua extensão para a vida prática cotidiana.

Sendo assim, no ambiente no *Dojô* foi constantemente estimulada a convivência pacífica tanto entre o *sensei* e os alunos quanto entre os próprios alunos. As atividades e treinamentos, possuíam foco no desenvolvimento do corpo e do intelecto e, na medida em que as técnicas e fundamentos eram apreendidas, também

eram estimuladas suas aplicações no dia-a-dia. Na mesma medida, eram constantemente estimuladas lições de solidariedade, companheirismo e humildade, sempre visando o desenvolvimento dentro e fora do *Dojô*.

Neste cenário, a extensão e a própria prática do judô foram ganhando outros contornos: o que inicialmente previa a aprendizagem de um esporte, foi transformado em um ambiente de acolhimento, no qual todos os sujeitos sentiam-se incluídos e pertencentes; os participantes, desconhecidos a princípio, se constituíram em um grupo coeso; as relações com a universidade, em larga medida, foram ressignificadas; a prática esportiva, percebida sob a perspectiva positivista do aumento de qualidade de vida, ganhou um contorno dinâmico da construção de possibilidades de superação das diferentes adversidades que acometem a vida universitária.

Estas considerações, associadas à perspectiva do lazer e da ocupação humana, colocam o Projeto em um lugar privilegiado para se pensar espaços de lazer que foquem na construção da práxis dos sujeitos. Ao colocar elementos subjetivos no processo de vivência da prática esportiva, atribuiu-se imediatamente um elemento cultural - a relação humana - nesta prática, fundamental para a ressignificação do esporte.

Observamos, por fim, que o lazer como fenômeno ocupacional possui um caráter transformador, se não da vida ao menos de algum aspecto cotidiano presente nela. Deixamos, por fim, a percepção de que o lazer é, de fato, elemento privilegiado na produção de mudanças. Talvez, e só talvez, esta percepção possa contribuir futuramente para o caráter interdisciplinar dos Estudos do Lazer, na medida em que a experiência ora relatada pode sensibilizar profissionais de diferentes núcleos do conhecimento na construção de práticas humanizadas nos mais diferentes contextos e ambientes da vida.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. Brasília, 2010. 46 p. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento\\_praticas\\_producao\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_praticas_producao_saude.pdf). Acesso em: 22 jun. 2020.
- CAPONI, S. Georges Canguilhem y el estatuto epistemológico del concepto de salud. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 287-307, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n2/v4n2a05.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOMES, C. L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, C. L. (org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.119-126, 2004.
- HAGEDORN, R. **Ferramentas para a prática em Terapia Ocupacional**. São Paulo: Roca, 2007. 477 p.
- KIELHOFNER, G. **Fundamentos conceptuales de la Terapia Ocupacional**. Buenos Aires: Editorial Medica Panamericana, 2006. 304 p.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- MAXIMINO, V. S. Referência teórica para o estudo dos grupos. In: \_\_\_\_\_. **Grupos de atividades com pacientes psicóticos**. São José dos Campos: UNIVAP, 2001. 175 p.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p.
- UFMG. Extensão. **Universidade Federal de Minas Gerais**. 2020. Disponível em: [http://ufmg.br/extensao#:~:text=Dimens%C3%A3o%20formativa%20essencial%2C%20a%20extens%C3%A3o,do%20ensino%20e%20da%20pesquisa.&text=Na%20UFMG%2C%20cabe%20%C3%A0%20Pr%C3%B3,Pesquisa%20e%20Extens%C3%A3o%20\(Cepe\)](http://ufmg.br/extensao#:~:text=Dimens%C3%A3o%20formativa%20essencial%2C%20a%20extens%C3%A3o,do%20ensino%20e%20da%20pesquisa.&text=Na%20UFMG%2C%20cabe%20%C3%A0%20Pr%C3%B3,Pesquisa%20e%20Extens%C3%A3o%20(Cepe)). Acesso em: 28 jul. 2020.
- \_\_\_\_\_. Resolução complementar 03/2018, de 17 de abril de 2018. **Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 de abril de 2018. s/p. Disponível em: <http://www2.ufmg.br/sods/Sods/Sobre-a-UFMG/Regimento-Geral>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- SOUSA, L. M. P. **Fumo por lazer sim!:** significados e representações do uso recreativo de maconha por mulheres. 2020. 83f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- TOMASI, A. R. P. **Da panela ao copo:** a produção de cerveja caseira como prática de lazer. 2018. 109f. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, 454p.

**Endereço dos Autores:**

Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi  
Endereço Eletrônico: arp.tomasi@gmail.com

Leandro Martins Chaves de Almeida  
Endereço Eletrônico: lando.LM27@gmail.com